

A HISTÓRIA DE VIDA COMO ESTRATÉGIA FORMATIVA EM CURSOS DE LICENCIATURAS

Siquele Roseane de Carvalho Campêlo - IFAL

RESUMO

As histórias de vida são relatos que possibilitam resumir os fatos mais relevantes da trajetória de uma pessoa a partir do que afeta, deixa marcas e significados. Utilizada como estratégia didática na formação docente inicial, o artigo analisa a escrita de histórias de vida por estudantes de cursos de licenciaturas, a partir da discussão sobre aulas marcantes na disciplina de Didática. Os resultados indicam que as aulas mais marcantes na opinião discente, envolviam jogos, brincadeiras, músicas, atividades práticas, resolução de desafios, aulas expositivas envolventes e, sobretudo, a exploração de outros ambientes além da sala de aula. Docentes que propuseram aulas marcantes influenciaram na escolha da carreira docente, eram leves, apaixonados, estimulavam, conheciam e acreditavam nos estudantes. A partir da análise das produções, observamos como as narrativas possibilitaram a compreensão sobre aspectos do trabalho docente, por parte discente a partir das suas próprias experiências escolares.

Palavras-chave: Histórias de vida; Formação docente inicial; Didática.

INTRODUÇÃO

Caracterizada pela não linearidade, subjetividade e historicidade, as histórias de vida permitem a reconstrução de fatos diretamente pelo sujeito que narra, em um movimento de olhar para o passado, ressignificando o presente e vislumbrando possibilidades futuras. Tal movimento gera ainda a chance de compreendermos o coletivo, pela via do social que permeia a práxis individual (Ferrarotti, 1988).

Segundo Nóvoa e Finger (2014) o debate sobre métodos biográficos é recente (fim do século XIX na Alemanha), tendo seu primeiro uso sistemático nos Estados Unidos nos anos 20 e 30. No Brasil, o uso das narrativas como estratégia formativa, de investigação ou de investigação-formação, iniciou-se em 1990 nas pesquisas em Educação, em eventos científicos e em projetos de formação (Freitas e Ghedin, 2015). Desde então, tal abordagem investigativa e formativa vem sendo acompanhada tanto pelo sucesso nas experiências, como pelas críticas em relação à sua consistência ou multiplicidade de termos para delinear-la.

Quando buscamos na pesquisa científica conhecer a versão das pessoas sobre os fatos, muitos termos podem ser encontrados atualmente: estória de vida (Goodson, 2020); investigação narrativa (Galvão, 2005); recordações-referência (Josso, 2004). Minayo (2008), por exemplo, utiliza o termo “história de vida” para englobar esses diferentes termos,



ressaltando a diversidade como característica importante desse instrumento em relação aos distintos meios sociais e recortes teóricos que abrange. Como uma estratégia de abordagem compreensiva, que objetiva “compreender a permanência dos fatos e das determinações e, de outro, escutar o que sobre eles as pessoas têm a dizer” (Minayo, 2008, p. 154).

Nesse sentido, temos como objetivo analisar a importância da história de vida enquanto estratégia formativa em cursos de Licenciaturas. Como pergunta norteadora, buscamos responder: Como a proposição de estratégias didáticas enraizadas na história de vida, podem favorecer a discussão sobre aulas marcantes na disciplina de Didática? A partir disso, propusemos a produção de narrativas como como caminho metodológico, o qual será melhor detalhado a seguir. A partir dos resultados, observamos um processo de rememoração de experiências que colabora para a instituição de novos olhares sobre a formação inicial de forma holística.

METODOLOGIA

Optamos por uma pesquisa descritiva, de cunho exploratório e de abordagem qualitativa. Como instrumento para a coleta de dados foram propostas histórias de vida no formato escrito, sobre aulas marcantes. Assim, foram analisadas 50 narrativas escritas por estudantes dos cursos de Licenciaturas em Química, Física, Ciências e Biológicas e Letras, produzidas entre 2021 e 2022, nas aulas de Didática Geral.

A escrita das narrativas foi proposta em torno de um núcleo temático partindo do seguinte desafio: *Procurem lembrar, o mais detalhadamente possível, de uma aula qualquer (contextos formais e não-formais de ensino) e façam o relato pensando na relação envolvida na aula (“x” ensina “algo” a “alguém”)*. Outras questões foram propostas para nortear a discussão, tais como: *O que acontece durante aqueles “40 ou 50” minutos? Que atividades são realizadas? Como o conteúdo é apresentado?; Como o professor se comporta: atitudes, postura corporal? Como os alunos recebem a mensagem? Como os alunos se dirigem ao professor ou aos colegas? Como a aprendizagem é avaliada?*

A análise desses documentos, foi realizada na perspectiva hermenêutica, visando a compreensão da conjuntura e do contexto de fala dos atores sociais em relação à compreensão por parte do(a) licenciando(a) sobre aspectos da aula como objeto da didática, considerando categorias como o tipo de aula marcante, características das aulas narradas, e a relação entre a área da aula marcante e o curso de licenciatura.

A análise dos dados sugere que a aula de campo configura-se como o tipo de aula mais marcante para os(as) licenciandos(as), seguida de aulas expositivas mais envolventes e desafiantes:

Figura 1: Tipos de aulas marcantes para estudantes de Licenciaturas



Fonte: Dados da pesquisa

Relatos sobre as aulas que diversificam o uso de recursos didáticos como músicas, jogos, brincadeiras e experimentos, também emergiram das histórias de vida produzidas. Observamos a partir das respostas, um destaque para as aulas que envolvem a criatividade, a exploração de múltiplas linguagens, a diversificação de estratégias de ensino, a personalização em função das diferenças de cada grupo, e que trazem sempre a mudança e a novidade nas ações cotidianas. Nas narrativas, a maior parte das aulas marcantes estão intimamente relacionadas às estratégias didáticas que incentivam novas ideias, e que cultivam o gosto pela descoberta e pela busca de novos conhecimentos entre docentes e discentes. Nessas aulas, se sobressaem experiências de aprendizagem que favorecem o debate e a participação ativa dos(as) licenciandos(as).

A aula constitui o núcleo da atividade de ensino, e é o momento de concretização das intenções de aprendizagem. Em sua origem, o termo “aula” deriva do Latim e significa, “pátio, onde se reúnem as pessoas para discussões”, depois de um tempo assume o sentido de “sala onde ficam os estudantes durante as lições”. Em Grego “aemi”, significa “soprar, respirar”, pois foi inicialmente um lugar aberto. Nas narrativas analisadas, as aulas marcantes parecem estar relacionadas a esse espaço aberto em múltiplos sentidos, tanto no aspecto físico, ao se tornarem marcantes as aulas de campo, quanto no aspecto relacional e cognitivo, como um momento de liberdade para a construção de conhecimentos, e de abertura para o diálogo.



Outro dado importante que emergiu da produção das narrativas de estudantes de licenciaturas, foi a referência às características pessoais ou ao estilo docente. Assim, licenciandos e licenciandas consideraram que a aula foi marcante diante de docentes que: acredita e desafia o estudante, não desiste, tem bom relacionamento dentro e fora da sala, que motiva estudantes a pesquisar e saber mais, que percebe as dificuldades da turma, encorajava à argumentar, conversava com toda a turma de forma amigável, que estimula, conhece e ajuda a todos os alunos igualmente, que tem uma forma apaixonada de ensinar, que demonstra leveza, descontração, paixão por cada assunto, é alegre, que sempre trazia algo novo para aula.

Um aspecto importante das narrativas é a identificação discente com a aula marcante de áreas relacionadas ao seu curso de Licenciatura. Assim, além de desenvolver uma aula inesquecível, os docentes foram apontados como inspiração para a escolha da carreira docente. Nas narrativas de estudantes de Licenciatura em Letras, por exemplo, de um total de 09 (nove) narrativas sobre aulas marcantes, 06 (seis) delas foram vivenciadas com docentes da área de Língua Portuguesa. Das 22 narrativas produzidas na Licenciatura em Ciências Biológicas, 13 delas relataram aulas marcantes na área de ciências.

Nos relatos também foram narradas aulas que deixaram marcas negativas. Assim, 10% das histórias de vida trouxeram referências à vivência de uma aula “negativa”, “desmotivadora”, “constrangedora”, “cansativa”, desestimulante. De tais narrativas emergiram termos relacionados à características da postura docente, como “arrogantes”, “autoritários”, ou que “não consegue motivar a turma”. Foram relatadas ainda situações de aulas marcantes nas quais docentes constrangeram estudantes quando não estavam de acordo com as suas opiniões, ou que classificaram alunos como tendo mais ou menos capacidades. Analisar aulas marcantes pelo viés negativo, revelou-se como um momento importante para que licenciandos(as) refletissem sobre as suas experiências formativas, de modo que tais reflexões possam repercutir nas práticas de ensino e em sua identidade profissional docente. Esse movimento pode colaborar na construção de uma contra-memória, e de desconstrução das imagens e estereótipos que se formaram sobre o futuro docente ao longo de seu percurso escolar (Catani et al., 1997).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, depreendemos que a utilização das narrativas como estratégia formativa recolocam o sujeito no centro de sua formação, além de permitem descobrir, explorar e avaliar como diferentes atores sociais compreendem o “ontem” e sua experiência individual em



XXII ENCONTRO DE CONTEXTO SOCIAL, CONFERINDO O HOJE

determinado contexto social, conferindo-lhe significado no “hoje”. Concordamos com Josso (2007), quando a autora afirma que tal narrativa se constitui como uma práxis biográfica formadora e transformadora, na qual a invenção de si necessita, não somente de um discurso sobre si, mas de projetos de si. Assim, a formação docente inicial beneficia-se com essa abordagem intersubjetiva, por se constituir como caminho criativo e inventivo para que o(a) narrador(a) não fale apenas de si e sobre fatos ocorridos no passado, mas também, de um projeto futuro de si e de sua ação coletiva. E nesse sentido, consideramos que as histórias de vida configuram-se como instrumentos importantes para a tomada de consciência sobre as inter-relações entre os processos de formação, as experiências pessoais e seu ambiente sociocultural, do ponto de vista dos sujeitos aprendentes.

REFERÊNCIAS

CATANI, D. B. et al. História, memória e autobiografia na pesquisa educacional e na formação. In: _____. (Org.). **Docência, memória e gênero: estudos sobre formação**. São Paulo: Escrituras Editora, 1997. p. 15-48.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde, 1988.

FREITAS, L. M.; GHEDIN, E. L. Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores. **Revista Contemporânea de Educação**, vol. 10, n. 19, janeiro/junho de 2015.

GALVÃO, C. Narrativas em Educação. **Ciência & Educação**, v. 11, n. 2, p. 327–345, maio 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132005000200013>. Acesso 17 jan. 2024.

GOODSON, I. F. . **Aprendizagem, currículo e política de vida: obras selecionadas de Ivor F. Goodson**. Petrópolis: Vozes, 2020.

JOSSO, Marie- Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Porto Alegre/RS, v. 63, n. 3, p. 413-438, set./dez. 2007.

_____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

NOVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Departamento de Recursos Humanos/Ministério da Saúde, 2014.